

DOI: 10.20911/21799024v14n1p179/2023

A morte do Messias em Marcos 15,33-39: Uma leitura sobre o sofrimento humano

Oziel da Rocha ¹

Resumo: Nesse artigo busco promover uma reflexão acerca do Evangelho de Marcos 15, 33-39, tendo-o como pressuposto teológico para interpretar o seu conteúdo e a linguagem simbólica presente nele. O artigo utiliza a pesquisa teórica de cunho exploratório e o método empregado nela é o da exegese textual em seu contexto, atualizado através da hermenêutica filosófica. Para tanto, farei uma contextualização histórica do citado texto bíblico a partir de uma pesquisa bibliográfica, evidenciando, primeiramente, a ideia de Messias na teologia do Evangelho que permita promover uma relação com a exegese aprofundada de seus versículos. O objetivo é discutir como o sofrimento de Jesus pode ser compreendido a partir de sua vida e escolhas, teorizando o sentido do sofrimento para os cristãos nos tempos hodiernos, o que justifica a necessidade do artigo. A fim de sustentar a teoria desenvolvida, o trabalho realiza a tradução instrumental que tem como base as principais edições bíblicas brasileiras, retomando grandes autores, filósofos, teólogos e comentaristas, que analisaram a vida de Jesus no aspecto do sofrimento oriundo do seu padecimento na cruz como resultado de sua fé e atitudes. Nesse contexto, buscamos explorar o conceito de segredo messiânico que perpassa o texto de Marcos para mostrar que tipo de Messias é Jesus e qual mensagem o texto pretendia evidenciar, em seu contexto, e quais as possíveis interpretações para o crente atual.

Palavras-Chave: Jesus; Messianismo; Sofrimento; Marcos; Humanidade; Esperança.

¹ Graduado em Filosofia pelo ISTA-BH, Licenciado em Sociologia pela UNIASSSELVI-SC, Especialista em Gestão Educacional pela Faculdade APOGEU-DF, Professor de Filosofia do Estado de Minas Gerais, Mestrando em Filosofia pelo PPGFIL-UFU.

Abstract: In this article I seek to promote a reflection on the Gospel of Mark 15, 33-39, taking it as a theological assumption to interpret its content and the symbolic language present in it. The article uses theoretical research of an exploratory nature and the method used in it is that of textual exegesis in its context, updated through philosophical hermeneutics. For that, I will make a historical contextualization of the mentioned biblical text from a bibliographic research, evidencing, first, the idea of Messiah in the theology of the Gospel that allows to promote a relationship with the deep exegesis of its verses. The objective is to discuss how Jesus' suffering can be understood from his life and choices, theorizing the meaning of suffering for Christians in today's times, which justifies the need for the article. In order to support the developed theory, the work carries out instrumental translation based on the main Brazilian biblical editions, resuming great authors, philosophers, theologians and commentators, who analyzed the life of Jesus in the aspect of suffering arising from his suffering on the cross as a result of their faith and attitudes. In this context, we seek to explore the concept of messianic secret that runs through the text of Mark to show what type of Messiah is Jesus and what message the text intended to highlight, in its context, and what are the possible interpretations for the current believer.

Key Words: Jesus; Messianism; Suffering; Marcos; Humanity; Hope.

Introdução

Na Bíblia, Evangelho de Marcos, a morte do Messias descrita no Capítulo 15, Versículos 33-39², fornece vários elementos importantes para abordar temas ligados ao movimento religioso iniciado com Jesus Cristo, figura central do cristianismo. O texto não é um livro científico nem histórico, muito menos filosófico; foi escrito dentro do horizonte da fé, porém está enredado de elementos relevantes para o debate acadêmico no âmbito da filosofia da religião.

Assim, tendo como objeto de estudo desse artigo, o excerto do livro bíblico de Marcos, cap. 15, vs. de 33 até 39, no qual aparece a narrativa da morte de Jesus, o Messias dos cristãos, buscamos mostrar que o autor desse Evangelho usa uma narrativa que visa mostrar aos leitores o tipo de Messias que é Jesus, o que nos obriga a considerar as visões do Messias no Antigo e Novo Testamentos. E ao evidenciar a riqueza simbólica presente no texto, emerge a hipótese de que ele poderá nos levar a compreender o sentido do sofrimento humano numa perspectiva cristã.

Contudo, sendo a Bíblia um conjunto de livros, e uma das principais fontes de Revelação para os cristãos, é natural que outros textos bíblicos sejam citados durante a pesquisa visando ratificar as teses e demonstrar a articulação da interpretação. Para essa empreitada, darei enfoque ao estudo sobre o modo como

² A partir desse momento, sempre que me referir aos livros bíblicos, estes serão indicados pelo nome quando citado pela primeira vez. Da segunda vez em diante será exposto de modo abreviado, seguido do capítulo e versículos indicados em forma numérica.

o texto articula o momento histórico vivido por Jesus e o da escrita do texto, para, em seguida, fazer a interpretação hermenêutica do sentido do sofrimento à luz deste Evangelho. A pesquisa se sustenta em diálogo com autores que se aproximam do tema como: Paulo Roberto Gomes, Rita Maria Gomes e Jürgen Moltmann.

Segundo o *Dicionário Crítico de Teologia*, no Antigo Testamento o termo hebraico *mâshîah* originou a palavra "messias" (gr. *christos* "cristo"), o qual, em princípio, não está ligado ao salvador escatológico no sentido que, no Novo Testamento, passará a ser aplicado a Jesus, no qual, segundo Renaud (2004, p. 1124-1128), o termo "Ungido" aponta inicialmente para o sentido do rei histórico, conforme o Salmo 105, v. 15. Neste, a pessoa de Jesus e o projeto do Reino são reconhecidos a partir do valor profético ligado à promessa do Messias, conforme atestam os Livros de Lucas, cap. 4, vs. 18 e 19; Mateus, cap. 3, v. 16; Romanos, cap. 3, vs. 19 a 21; 2ª Carta de Pedro cap. 3, v. 13. Neles, o Messias está relacionado à escatologia, ao novo céu e nova terra, de modo que, o messianismo está ligado a um conjunto de representações oriundas da tradição de Israel, amalgamadas na veia profética, pela qual se pretende ver satisfeitos os ideais de justiça e paz.

Nos textos bíblicos, o Messianismo³ tem sua fonte na realeza, especialmente em Davi, o ungido de *Iahweh*, e, para Renaud (2004), é a instituição monárquica que representa a armadura permanente desse conjunto complexo de representações denominada messianismo. Outros modelos se aglutinarão em torno da figura real, que permanecerá como modelo de referência. Nesse contexto, o rei Davi⁴ é o corresponsável por assegurar a paz e a aliança com o "filho de Deus", que é encarnado por Israel conforme escreve Oséias no cap. 11, v. 1, onde se lê: "Quando Israel era menino, eu o amei e do Egito chamei o meu filho" (TEB, 1994, p. 891)⁵. Assim, em torno de Davi, converge o ideal messiânico e suas possíveis variações.

Mas a traumática e inesquecível ruína de Jerusalém e de seu Templo (587 d.C.), acompanhada da deportação (Sl 89, v. 39-45) do povo judeu provoca uma guinada teológica, pois as instituições do passado não mais funcionariam como motores de salvação, nessa condição, o povo se vê obrigado a lançar para o futuro a "nova aliança". Assim, mesmo com a diluição da realeza, a esperança ligada a ela não desapareceu, mas foi relacionada à escatologia⁶. O fim proje-

3 Na religião judaica, o termo significa o movimento que coloca a esperança da salvação do povo na vinda do Messias, o enviado de Deus, seu ungido, capaz de operar mudanças profundas na realidade. O Messias é uma promessa anunciada, é aquele que virá para salvar o povo de Israel.

4 Davi é considerado um dos principais de Israel, seu reinado iniciou em 1.010 e terminou em 970 a. C. neto de Rute, uma moabida estrangeira e do judeu Boaz, Davi filho mais novo de Jessé, foi ungido por Samuel. Ele conquistou territórios para Israel e venceu vários povos inimigos. Sua trajetória é narrada nos Livros de Samuel, Reis e Crônicas.

5 As citações literais do texto Bíblico são retiradas da Tradução Ecumênica (TEB) que se encontra nas referências bibliográficas: *BÍBLIA*. Português. Bíblia tradução ecumênica: contendo o antigo e novo testamento. Tradução de L. J. Baraúna et al. São Paulo: Loyola, 1994.

6 ⁷ A escatologia está ligada aos fins dos tempos, momento em que Deus realizará sua revelação última. Na perspectiva da Revelação Bíblica, existirá o momento em que a história dos homens chegará ao fim, quando as promessas serão realizadas e os justos e fiéis do verdadeiro amor poderão contemplar e colher os frutos da existência. O Messias representa o enviado de Deus que realizará todas as suas promessas, mas estas não têm cunho político, como alguns seguidores interpretam, mas estão ligadas à salvação da humanidade.

tado aponta para um acerto de contas com os inimigos, no momento em que, para o messianismo, seria o fim da história, o dia do Senhor. Aqui é importante ressaltar que messianismo e escatologia não se confundem, mas também não são estanques.

Nesse contexto, o "messianismo escatológico", marcado pela união da ideia de messias e escatologia, robustecido após o exílio, contava com o tempo da perfeição insuperável ancorada na presença de uma figura ideal mediadora da salvação. Em razão disso, algumas reminiscências do messianismo com esteios numa figura forte permanecem, e, com o fim do Exílio e a reconstrução do Templo, centro que orientará toda a vida de Israel, nasce o messianismo sacerdotal, que é favorecido pelo fato de, na antiguidade, o rei exercer funções sacerdotais (Sl 110).

No Antigo Testamento encontramos ainda um messianismo profético, no qual surge a figura do servo de Iahweh (Isaías cap. 42, vs 1 a 9; cap. 50, vs 4 a 11) e este passaria a ser o arquétipo do ser obediente a Deus até a morte mais humilhante, assumindo assim o valor de expiação. O livro de Daniel, que apresenta uma literatura de cunho apocalítico, coloca a esperança no chamado "filho do Homem", expressão que aparece a primeira vez no cap. 7, v. 13, e representa a figura humana que vem para estabelecer a justiça e libertar o povo oprimido. Este filho age pelo poder do altíssimo e vem para libertar em nome de Deus, podendo ser visto como o mais humilde dentre os homens (conforme Daniel cap. 4, v. 14). Desse modo, a resistência política abarca a compreensão de uma esperança concreta sem perder de vista a transcendência.

Com efeito, compreender o messianismo nos tempos atuais implica interpretá-lo à maneira dos primeiros discípulos, que foram os maiores interpretes da pessoa de Jesus e de suas mensagens. A interpretação do messias, a partir da vida concreta de Jesus de Nazaré, conta com o fracasso no nível do factual histórico e não com uma vitória gloriosa, pois Jesus acaba na cruz (GOMES, 2011, p. 53). Mateus (27, 55-56) convoca o discípulo a estar com Jesus até a cruz, ápice do caminho do discipulado neste livro bíblico, e que significa o segredo messiânico que se abre ao seu sentido pleno na cruz (Mc 15, 39). Já Lucas (23, 47) dá o verdadeiro sentido da justiça e da misericórdia na cruz, sendo que o grande sinal da glorificação em João (19, 28-29) se dá na cruz. Em Paulo, o resgate do antigo hino cristológico inserido na carta aos Filipenses revela que a morte na cruz é o auge da obediência de Jesus (Fl 2, 6-11)⁷.

Nessa perspectiva, "a cruz desempenha (...) um papel metafórico: o de designar o imenso domínio do negativo como o lugar onde se realiza o resgate desse mesmo negativo" (DUQUOC, 1982, p. 99-110). Em outras palavras, a cruz significa a base fundamental para a compreensão messiânica de Jesus, pois é por meio dela que acontece o resgate da humanidade e é a partir dela que Jesus revela as consequências de sua obediência e fidelidade ao Pai. O pecado da

⁷ A partir destas referências, a cruz é entendida como uma chave para compreender o sentido do movimento Cristão. Marcos constrói sua literatura, utilizando-se do "segredo messiânico", pelo qual tenta levar o seu leitor a descobrir que tipo de Messias é Jesus, porém essa revelação só se dá de modo pleno no momento da Cruz.

humanidade (injustiça, morte, falta de amor) leva o Messias para Cruz, mas é na cruz que a humanidade ganha a salvação através de Jesus, o justo de Deus.

O messias esperado e idealizado pela tradição judaica, não veio. E sobre essa questão, alguns respiros de esperança afluíram no período da Revolta dos Macabeus que entre 142 e 63 a.C., e contribuíram para libertar Jerusalém dos domínios pagãos. Nesse contexto, se destacou Judas - o macabeu (martelo) - grande chefe militar e homem fiel à religião judaica, o qual, devido a seus feitos, pareceu ser o messias, mas não o era ainda. Os discípulos de Emaús, decepcionados, caminharam até a cidade onde houve a vitória de Judas Macabeu sobre Górgias, procurando um outro modelo de messias (Lc 24, 13-35). Lucas mostra que Jesus morto e ressuscitado é o messias e não haverá outro, logo não tem sentido o saudosismo militar triunfalista.

Antes da literatura marcana, a Quelle (fonte dos ditos de Jesus) nos mostra alguns traços do messias, e esse documento foi elaborado no período marcado entre a morte de Jesus e a destruição do Templo de Jerusalém. Os seguidores de Jesus, diante das novas situações, elaboraram um texto a fim de preservar sua memória, e, para Hoornaert, o escrito marcano

vem trazer algo muito concreto, ligado à vida cotidiana, muito 'sapiencial' [...], mas que vem a confirmar o que estava expresso nas esperanças messiânicas, apocalípticas, proféticas daqueles seguimentos do judaísmo que estavam inconformados com a situação em que viviam. Assim, o movimento da primeira geração pode ser qualificado ao mesmo tempo de sapiencial, messiânico, apocalíptico e profético (HOORNAERT, 1997, p. 79).

Portanto, o modo de vida de Jesus fundamenta para os primeiros discípulos a maneira pela qual toda a humanidade é convidada à salvação. Ele vive a concretude da vida. Oriundo de Nazaré, cidadela do interior, onde o messias das primeiras comunidades encanta pelo estilo de vida e por levar até o fim o projeto do Pai. Sua missão é partilhada com aqueles que se dispõem a fazer o percurso que o nazareno fez, guiados pelo Espírito Santo.

1. O Messias na teologia de Marcos

Marcos, como primeiro escrito sobre a identidade de Jesus, busca responder a uma pergunta fundamental dos seguidores de seus seguidores: que tipo de messias é Jesus? Que reino ele anuncia? Naquele contexto (anos 65-70 d.C.), a geração dos que tinham experimentado o messianismo de Jesus (nos anos 30) esvanecera, restando ao evangelista preservar a memória do crucificado de Nazaré, como um messias diferente, original. O escrito marcano é perpassado pelo segredo messiânico e nele o evangelista faz um itinerário que conduz seus leitores na descoberta deste messias.

A apresentação da figura de Jesus efetuada por Marcos é nevrálgica, pois tira Deus do esquecimento e solavanca uma nova forma de vida. Porém, Deus não se manifesta aos homens com atributos de grandeza, força, poder e medo reverenciável, por isso, num primeiro momento, os sábios e autoridades instru-

idos na religião se negaram a reconhecer nele o messias. Naquele momento, seria absurdo reconhecer em Jesus o filho de Deus.

Marcos, no entanto, mostra sem reservas que a humanidade e “a vida de Jesus não se separa de nossa condição e sua missão se dá em vista dessa ligação estreita com nosso destino” (GOMES, 2011, p. 200). O nazareno tem sentimentos humanos, fica irado (Mc 1, 41), se entristece (Mc 3, 5), tem compaixão (Mc 6, 34), fica desiludido (Mc 8, 12), embora não saiba de todas as coisas, já que precisa perguntar aos discípulos sobre o que estavam falando (Mc 9, 16.33). Ele sentiu angústia e medo da morte (Mc 14, 33) e são esses aspectos que formam o retrato do messias apresentado por Marcos. Em relação às suas atitudes, o modo de estar com os pobres e marginalizados surpreendia e escandalizava os contemporâneos do messias, que tinham dificuldades em compreender o seu modo de vida. Por isso, ao refletir sobre a cristologia do evangelho de Marcos, Comblin afirma que

a humanidade de Jesus era tão comum, tão normal, tão semelhante à nossa, tão afastada de qualquer manifestação da divindade, que os seus parentes se escandalizavam ao ver as obras que Jesus realiza, como se achassem que Jesus tinha perdido o juízo e desempenhava um papel que não lhe era conveniente (6, 1-5) (COMBLIN, 1999, pp. 36-42).

Esse aspecto reforça o título com que Jesus se autodenomina “filho do homem”, alguém que vem do meio do povo, e ninguém é tão humano como ele, por isso, conhece o ser humano profundamente a partir das raízes da humanidade. Do mesmo modo, conhece o Pai por meio das raízes da divindade e isso afirma efetivamente a divindade de Jesus, que é capaz de permanecer na cruz até o final, ao ser abandonado pelos homens e ter sofrido a falsa justiça humana. O Deus de Jesus mostra-se impotente diante do poderio romano e das autoridades judaicas (Mc 15, 32), por isso o Deus revelado pelo nazareno está na contramão de muitos pensamentos sobre ele.

Em alguns eventos da vida de Jesus, o Pai se manifesta dando a Ele o merecido estatuto divino, no batismo, por exemplo, ele confirma a filiação de Jesus ao revelar: “Tu és o meu filho amado, em ti me comprazo” (Mc 1, 11). Acontece aí a unção de Jesus e esse acontecimento marca, de fato, a messianidade de Jesus porque este vai na direção do messias servo (Is 42, 1; Sl 2, 7). O evangelista aponta para a consumação do tempo que se dá em Jesus, num novo tempo, de modo que o reino de Deus irrompe na história da humanidade. Nessa direção, Guardini complementa o nosso pensamento ao afirmar que “a plenitude do *Pneuma* anima-o. S. Marcos fala ainda com mais força, com a palavra poderosa do mundo da experiência profética: o Espírito *impelle-o*” (GUARDINI, 1964, p. 34-35). Desse modo, o Espírito que paira na criação vem sobre Jesus para que ele complete a obra do Pai, recriando a humanidade.

As tentações também expressam o ideal do tempo messiânico (Is 11, 6) e aí se mantem fiel ao projeto do Pai. O messias é fiel ao projeto de Deus até as últimas consequências, sua fidelidade abrange desde a pregação até os milagres, que são serviços doados ao próximo. O reino que o messias vem instaurar

é o do coração humano, convidado a uma nova mentalidade a partir do Deus revelado e anunciado por Jesus (Mc 1, 15). E a autoridade do messias vem de Deus que lhe confere o poder (exusia) (Mc 1, 27), de modo que, Deus age na história em comunhão com seu filho amado. A justiça do messias não significa vingança, mas cura e liberta os pobres, marginalizados e sofredores, e sua autoridade tem seu ápice no amor dedicado ao próximo, sustentado pelo Espírito do Deus vivo.

Na transfiguração, a voz imperativa confirma mais uma vez a messianidade de Jesus (Mc 9, 7), que deve ser ouvido porque é Deus que o constitui como tal, confirmando-o na missão que lhe fora confiada. Contudo, a vida do messias não fora um constante calvário de sofrimento, esta constituiu-se uma vida de fidelidade ao Reino e teve como consequências o sofrimento, as perseguições e incompreensões. Vista em sua completude, é justo perguntar: Se a vida humana autêntica passa também pelo sofrimento? Se vivemos num contexto de injustiças é possível seguir Jesus e sem pagar o preço por ser autêntico?

As respostas a estas perguntas problemas serão buscadas por meio de uma análise hermenêutica sobre o sofrimento humano a partir da interpretação do sofrimento vivido por Jesus. A revelação na história de Israel mostra um Deus que está com os pequenos, que são libertados humildemente e sem armas, por meio de um pequeno grupo (Ex 12) que formará o seu povo. Marcos apresentou o messias a partir de uma tradição ofuscada pela expectativa da pomposidade de Israel em constituir um novo reino e/ou se libertar das amarras de seus opressores. Nesse contexto, para muitos, esse Jesus não era esperado nem bem-vindo, posto que ele não conseguia resolver os problemas políticos de uma vez por todas; para outros, ele era verdadeiro porque elevava a dignidade humana através de sua encarnação, sendo fiel na dor por amor ao Pai e ao Reino.

2. Leitura exegética de Marcos 15, 33-39

O capítulo 15 do Evangelho de Marcos se inicia com a apresentação de Jesus a Pilatos (15, 1-15), e nele vemos que o Messias não veio para ser um revolucionário político violento, por isso diante da indagação política de Pilatos (15, 2) sobre sua realeza, Jesus não se autoproclama, mas também não nega sua condição, demonstrando que o seu Reino não é construído à base de violência. Diferentemente de Barrabás (15, 7), que não era apenas um preso acusado de homicídio, mas pertencia também a grupo de revoltosos armados, os zelotas, que esperavam pelo libertador político. Marcos (15, 3-20) não atribui a causa da morte a uma pessoa, mas à multidão, que decide sobre questões políticas.

Portanto, há uma perspicácia literária no Evangelista que não atribui a causa da morte a Pilatos, que apenas segue a voz da multidão. Aqui é importante destacar que, no contexto em que foi escrito esse Evangelho, era prudente evitar discórdias com o poder romano. Por isso, em grande medida, Jesus é condenado pelo seu próprio povo, que era o destinatário primeiro da ação salvadora de Deus. No momento do julgamento, Simão Cireneu, citado como pai de Alexandre e Rufo (15, 21), voltava do campo, por isso não estava entre a multidão

que condenou Jesus. Esse detalhe, que muitas vezes é lido de forma desatenta, mostra que Jesus foi condenado pelo seu próprio povo. Por isso, ao mencionar que Simão Cireneu era pai de Alexandre e Rufo - que são nomes romanos - Marcos demonstra que a mensagem de Jesus não se destina à multidão alienada, que não o reconhece como o Filho de Deus. Em outras palavras, Marcos procura deixar claro que os romanos, considerados pagãos no mundo judeu, não foram os responsáveis pela morte de Jesus, ao contrário, são eles que o ajudam a carregar a cruz.

Posto isso, entende-se que os leitores de Marcos são romanos do ano 65 d. C. que buscavam viver a fé, e mesmo em meio às perseguições, precisavam tomar parte no sofrimento de Jesus carregando a cruz. No ano de 64 d.C., Roma foi incendiada e este ato foi imputado aos cristãos, acarretando uma série de questionamentos sobre os poderes de Jesus e colocando em cheque o sentido de prosseguir com a crença no Messias de Nazaré. Também em razão disso, Jesus sofreu insultos e zombarias (15, 29-32) da multidão e da "opinião pública", que ainda não compreendia que tipo de Messias ele era, por isso esperavam algo mágico e não o milagre da salvação redentora. Quando, na verdade, a comunidade receptora da mensagem deveria ter se mantido fiel aos seus ideais, mesmo diante da dúvida instaurada pelos acontecimentos e pela perseguição.

O texto seguinte àquele em análise, Marcos 15, 40-47, finaliza-se revelando as atitudes dos verdadeiros seguidores de Jesus, que o acompanharam até os últimos momentos de sua vida terrena, ao percorrem com ele todo o caminho da via cruceis (15, 40-41) sem se dispersarem por terem compreendido precisamente o sentido da cruz. José de Arimatéia (15, 42-43), representante dos que mudaram a forma de ver o Reino de Deus, encheu-se de coragem para pedir a Pilatos permissão para retirar Jesus da cruz e dar-lhe uma sepultura digna (15, 44-46).

2.1. O sofrimento de Jesus

O núcleo do texto em análise mostra o sofrimento físico e existencial de Jesus na cruz e o alto grau de densidade teológica presente no momento da crucificação, por isso é fundamental identificar os graus deste sofrimento para compreender o verdadeiro sentido do messianismo vivido por Jesus. Observe como esse momento é revelado no texto, na passagem em que ocorre a unção plena no Messias na cruz⁸:

³³ E, chegando a hora sexta, vieram trevas sobre toda a terra até a hora nona.

³⁴ E, na hora nona, Jesus bradou com voz forte:

- *Eloi, Eloi, lemásabactáni?*

⁸ Para compreender essa densidade, faremos a exegese aprofundada da perícopes em seus versículos, a começar pela tradução instrumental que, na verdade, é a tradução do texto que segue as seguintes bíblias: **BÍBLIA**. Português. **Bíblia de Jerusalém**: contendo o antigo e novo testamento. Tradução da editora Paulus. São Paulo: Paulus, 2004. **BÍBLIA**. Português. **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966. **BÍBLIA**. Português. **Bíblia tradução ecumênica**: contendo o antigo e novo testamento. Tradução de L.J. Baraúna et al. São Paulo: Loyola, 1994.

-O que é traduzido: *Meu Deus, meu Deus. Para que me abandonaste?* -

³⁵ Alguns dos que estavam presentes, ouvindo-o, disseram:

- *Vede, ele está invocando Elias!*³⁶. Alguém correndo [e] ensopando uma esponja com vinagre, colocando-a num junco, lhe deu de beber,

- *Deixai! Vejamos se Elias vem retirá-lo.*

³⁷ Jesus, gritando forte, expirou.

³⁸ E o véu do santuário rasgou-se em dois de alto a baixo.

³⁹ Vendo o centurião que estava presente em frente dele

Que Jesus havia expirado assim, disse:

- *Verdadeiramente, este homem era filho de Deus!*

No v. 33, do livro de Marcos, o milagre do escurecimento cósmico é uma linguagem apocalíptica comum e remete-nos à escuridão que, segundo os livros sagrados, ocorrerá na sexta hora do dia do juízo final, isto é, ao meio dia, hora em que a luz está plena em seu brilho, conforme o versículo que tem uma referência escatológica e no qual se lê: "Acontecerá naquele dia – oráculo do Senhor, meu Deus - farei o sol se pôr em pleno meio-dia e escurecerei a terra em dia claro" (Amós, cap. 8, v. 9). A Morte e a Ressurreição são os eventos últimos da obra salvífica de Deus e o evangelista se serve dessa imagem para sublinhar a dimensão cósmica da morte de Jesus. Diante dessa, "O Filho de Deus suporta a escuridão que vem sobre a terra e responde, sofrendo, pelos homens seus irmãos" (ERNEST, 1991, p. 753). De modo que os homens não são abandonados na escuridão do pecado, pois é do caos que Deus traz a verdadeira luz sobre a terra. O pecado dos homens trouxe as trevas ao mundo, mas Deus mostrará sua glória recriando o homem a partir da ação salvadora de Jesus.

No v. 34 do citado livro, vê-se uma nova menção ao tempo, nele, há uma referência à hora nona, três horas da tarde. O reforço em torno do tempo indica a importância do evento da morte. O grito de Jesus com voz é uma oração ao Pai, a oração do justo, oprimido e obediente, de modo que Deus não pode deixar de ouvir a voz dos justos (Ex 2, 23). A humanidade está longe do Pai naquele momento, mas ela se aproximará dele a partir da paixão de Jesus. Marcos cita o Salmo 22, 2, como aquele que apresenta o sofrimento e a esperança como sentimentos que levam o homem a ter esperança em Deus, ao qual ele recorre em busca de consolo diante do abandono em que se encontra ante as angústias. Assim, ao fazer referência ao salmo 22, o texto de Marcos busca mostrar que a existência de Deus não deve ser colocada em questão por causa da dor, ao contrário disso, o homem deve esperar pelo seu passamento com confiança, crendo que Deus fará justiça aos injustiçados e abandonados. Pois, "a sua divindade se revela no fato de que o abandono de Deus é voltar-se para Deus chamando 'meu' Deus: fidelidade absoluta" (FAUSTI, 1998, p. 526).

No v. 35, o texto aproveita a fonética entre *Eloi* e *Elias* para fazer referência ao profeta Elias, que foi arrebatado ao céu e deveria voltar antes da escatologia judaica (Mt 3, 22-23). A menção a ele é feita para mostrar que os profetas que vieram em nome do nazareno não foram valorizados, nem mesmo João Batista

(Mc 9, 11-13; Mt 11, 14; 17, 10-13), o último deles. Portanto, é por meio destes profetas que Jesus marca o fim e o início das promessas de Deus ao seu povo. Outra interpretação possível sobre os profetas enviados por Deus, é aquela feita a Elias e ao seu acolhimento aos necessitados, quanto a Jesus, este seria visto por alguns como a imagem que se contraporía à espera do Messias grandioso; outros não compreenderam a palavra do nazareno nem perceberam o sentido messiânico da vida de Jesus.

No v. 36, a esponja com vinagre oferecida a Jesus foi, provavelmente, fruto do gesto de um soldado romano, pois esta era uma bebida popular, típica dos soldados e trabalhadores. O texto sugere que as mãos do nazareno estavam presas à cruz, por isso a bebida foi levada à boca de Jesus. Novamente, a citação de Elias aponta para a fala de um hebreu, conhecedor da tradição e que se colocaria como um auxiliar das causas impossíveis, mas que não pôde intervir no momento em que o amor é levado às últimas consequências, por Jesus.

No v. 37, Jesus solta o grito de vitória sobre o inimigo e, isso porque, a comunidade primitiva dos cristãos não via a morte de Jesus como um evento comum, por isso esta não passou despercebida. O grito de Jesus é a força de Deus se manifestando (Ex 15, 2) e essa menção ao grito é importante para compreender que na morte de Jesus tem algo de especial, pois, mesmo estando ele sem ar, asfixiado, consegue gritar. Esse gesto é significativo porque é incomum um crucificado ter forças na voz, antes de morrer, talvez em razão disso, o verbo "expirar" seja colocado no final do texto, dada a sua importância no tocante à constituição desta última ação de Jesus, antes de sua morte: entregar à força vital de Deus, o seu Espírito (Gn 2, 7; Mt 19, 30; 27, 50). Demonstrando que Deus vive em Cristo e dessa relação de fidelidade e amor entre Pai e Filho brota o Espírito Santo.

No v. 38, o véu do Templo é aquele que separa o lugar mais sagrado, onde apenas os sacerdotes poderiam entrar para oferecer o sacrifício anual (Hb 10, 19ss), e algumas interpretações afirmam que esse acontecimento seria uma punição ao povo de Israel, já que a presença de Deus se esvazia no Templo, porém a exegese mais recente considera o fato como a proximidade entre os homens e Deus. Marcos usa essa simbologia para mostrar que o projeto do Reino de Deus é para todas as pessoas, sendo a morte de Jesus o episódio que remove o último obstáculo entre Deus e os homens (FAUSTI, 1998, p. 757).

No v. 39, o Evangelho de Marcos se inicia com a expressão "Jesus, filho de Deus" e, nesse versículo, temos praticamente a mesma expressão: "verdadeiramente, esse homem era filho de Deus", a qual aparece, também, em outras partes do texto de Marcos. Porém, é no v. 39 que ela aparece pela última vez revelando que Jesus é Filho de Deus, o verdadeiro Messias (Mc 1, 1; 9, 7; 14, 36). O segredo messiânico se revela no crucificado, ao menos é o que Marcos tentar conduzir o leitor a descobrir quem é Jesus, nesse processo, ele produz uma narrativa de suspense ao conduzir o leitor por um itinerário reflexivo que o leva à revelação da morte de Jesus na cruz, levando-o à compreensão de que este é o verdadeiro filho de Deus, o Messias que é capaz de levar até às últimas consequências o projeto do Reino de Deus.

O centurião, que é um pagão, é o intérprete autêntico do segredo messiânico que perpassa o Evangelho de Marcos, no qual o verbo “ver”, no início do versículo, faz alusão ao esclarecimento e ao reconhecimento de quem é Jesus, de fato. Os que não o reconhecem são como cegos que não enxergam o verdadeiro messias. O centurião não ouviu a mensagem de Jesus nem caminhou com ele, porém, a proximidade da morte de Jesus (“este homem” e não “aquele”) fê-lo reconhecer o nazareno. O centurião usa o verbo no passado (“era”), porque Marcos indica a morte como fato, o messias é aquele que realmente morreu na cruz, assim, ainda que a morte de Jesus na cruz provoque espanto em seus seguidores, ela é um fato inegável.

O texto diz “filho” e não “o filho”, e a falta do artigo anuncia que Jesus não era o filho determinado, conceituado, mas o filho indeterminado do qual ninguém fazia ideia, mas que se revela a partir do encontro com Jesus. Ele é o justo que morre na cruz e sua morte causou grande trauma em seus seguidores, por isso a catequese dos primeiros séculos leu a morte do nazareno à luz do Antigo Testamento como símbolo da redenção⁹. A cruz representa o símbolo de uma permuta do justo pelo injusto, que libertou o culpado sem que este tivesse pago integralmente seus pecados, nesse aspecto, a crucificação na cruz é a liquidação de uma dívida. Para Duquoc,

a primeira comunidade cristã havia experimentado como escandalosa e absurda a morte daquele que doravante seria confessado Cristo e Senhor. Para atenuar a incapacidade do pensamento, recorreu ao já conhecido e, conseqüentemente, ao não escandaloso; utilizou, para familiarizar-se com a morte de Jesus, imagens provenientes do Antigo Testamento (DUQUOC, 1976, p. 77-8).

Na perspectiva desse pensador, a interpretação à luz do Antigo Testamento é uma maneira de amenizar o fato brutal da morte na cruz, por isso Jesus é visto como o cordeiro pascal, imolado por toda a humanidade e a catequese da Semana Santa é carregada dessas imagens. O retorno a concepções anteriores ao século XVI, como a teoria da satisfação ou substituição penal, encontra assento entre teólogos até os dias atuais, de modo que, “não basta fazer justiça ao conceito do sacrifício geral da religião através de assimilação por analogia ou modificação” (MOLTMANN, 2011, p. 67). Porém, é preciso compreender que o sofrimento e a morte de Jesus são também um ato histórico e político, uma vez que as ações questionam a religião que torna o homem preso a valores que não promovem a vida.

Jesus, no entanto, não banuiu a religião judaica, numa leitura atenta dos Evangelhos, nota-se seu respeito pela tradição judaica, tampouco funda uma nova religião, mas buscou no seu contexto levar a sua fé às últimas consequências. Jesus não sofre e morre em qualquer condição, mas diante da omissão das razões históricas desse sofrimento e morte que força o desenrolar místico em torno do tema da cruz, colocando foco na ressurreição e deixando anêmico

⁹ Redenção, no contexto teológico, significa a expiação pelos pecados. O pecado da humanidade distanciou o homem de Deus, mas o sacrifício de Cristo compensou as faltas da humanidade, deixando o homem ligado a Deus novamente por meio da dimensão espiritual.

o tema do sofrimento real. Desse modo, “Jesus morre esmagado pela miséria humana e pelo mal, por ter tido coragem e ousadia de enfrentá-lo, colocando-se ao lado das vítimas” (GOMES, 2007, p. 76). O mal é um tema caro à filosofia e à teologia, que por razões metodológicas, não é debatido aqui, mas pode-se compreender o mal que esmaga Jesus como a falta de reconhecimento do outro, o individualismo, a escravização do outro por causa de conceitos religiosos que não fazem sentido para a existência concreta.

O sofrimento de Jesus não é algo simbólico que faz jus ao Antigo Testamento para satisfazer o simbolismo das mentes teológicas, existe algo mais profundo que é a encarnação no mundo envolto na injustiça e, portanto, um mundo pecador. Entender isso, evita que se incorra no risco de conceber o cristianismo como algo sofrível e em função do qual todos estejam condenados, caso sigam a Jesus. A cruz e o sofrimento são resultados de escolhas em prol do projeto de Deus e “a cruz não é uma necessidade imposta do exterior por uma divindade ávida de compensação por causa de sua honra ofendida, ela é o resultado do combate de Jesus contra os opressores” (DUQUOC, 1976, p. 84).

Com efeito, o crucificado é aquele que vive em Deus e que tendo sido justo até o fim, mostra, pela crucificação, o seu poder de assumir o Reino até o fim. O fato histórico de sua morte não passa despercebido pelo Pai que o ressuscita, mas demonstra que a cruz em si não é esperança, mas o crucificado sim. A morte de Jesus pode ter sido escandalosa e dolorosa para os discípulos que queriam ver a restauração de Israel, contudo, a morte não é o fim, apesar de poder ser vista como tal. É isso porque, choro desesperado de seus seguidores diante da morte do messias surge do medo do abandono e da negação da fé entre eles, nesse aspecto, o grande ensinamento deixado pelo crucificado a seus discípulos foi a transformação que a sua ressurreição provocou na vida deles, ao levar homens e mulheres a buscar viver seus ensinamentos e sentir a presença viva do Deus anunciado pelo nazareno.

3. O sofrimento a partir de Jesus Cristo

Diante do sofrimento os homens buscam respostas imediatas, e dada a sua incompreensão, colocam em Deus o seu sentido ao atribuir as causas do sofrimento ao abandono ou à manifestação da vontade divina. A resposta fácil e imediata diante de situações de sofrimento torna-se a mais viável, é por isso que ao olhar para o sofrimento de Jesus na cruz, tem-se a impressão de que ele foi abandonado ou teria sido o único a sofrer em sua encarnação. Jesus, que viveu como os humanos, foi incompreendido por muitos, sentiu o cansaço da árdua missão de pregar o Reino de Deus e, na cruz, sofreu as consequências de suas escolhas.

Os escritos bíblicos professam que o sofrimento de Jesus ensina que Deus não castiga ninguém, pois mesmo sendo justo e fiel ele morre na cruz, daí resulta que o pecado humano da dominação, opressão e injustiça pode levar ao sofrimento inclusive os homens mais inocentes. Por toda a sua vida terrena, o messias crucificado levou a sério o projeto do amor, denunciou a opressão,

acolheu e valorizou os fracos, de modo que a humanidade autêntica de Jesus não priorizou o sofrimento, mas também não evitou que o messias sofresse, de modo que, por meio da perseguição e do sofrimento, passou a mensagem de fidelidade de Deus ao próximo.

4. O sofrimento e libertação

O sofrimento libertador não é uma justificativa para que o sofredor produza alguma coisa ou busque dar sentido ao inexplicável da existência, pois, “por intermédio da cruz de Jesus percebemos que o mal e o sofrimento encontram solução em sua práxis amorosa, afirmando o sentido da realidade como salvação e luta” (GOMES, 2007, p. 78). O homem que vive a partir de Jesus encontra as exigências de um projeto de vida comprometido com o mundo, por isso, amar é comprometer-se com o próximo e com a realidade. O messias foi mal interpretado porque muitos não entenderam que para fazer mudanças estruturais em favor do povo, era necessário engajar-se nas questões do mundo. Nesse aspecto, há um sentido político do próprio nazareno no mundo, quando ele se opõe à acumulação de riquezas pelos que oprimem o povo pobre, e quando em substituição a essa situação de penúria ele apresenta um projeto de vida que transcende a própria vida terrena.

Portanto, olhando para a vida de Jesus, podemos inferir que Deus quer vencer o mal, mas não o faz de uma única vez num mundo imperfeito, evolutivo e limitado, o poder divino está relacionado aos outros, pois o ser humano é corresponsável pela criação do mundo e do próprio ser humano, que são obras inacabadas. Todavia, cabe à própria humanidade fazer uso de sua razão para o bem, já que cada pessoa é convidada a participar dessa atividade criadora e salvadora da humanidade, uma vez que o existir humano não é algo passivo, mas ativo, porque lança propostas para uma vida de integração com Deus e com o próximo.

Por isso, Deus dotou o homem de razão e discernimento, tornando-o capaz de identificar o bem e o mal (Eclesiástico, cap. 17, vs 4 a 8) e de encontrar o caminho da verdadeira felicidade. Com efeito, a inteligência humana não se reduz aos fenômenos empíricos, mas atinge também uma realidade inteligível, e é pela sabedoria que a inteligência humana se aperfeiçoa e permite ao homem se engajar na busca pela verdade e pelo bem, passando das realidades meramente sensíveis para as inteligíveis.

Desse modo, o sofrimento em si não tem sentido nenhum, é vazio. O ser humano sabe e tem consciência dele apenas quando sofre e torna-se capaz de entendê-lo na própria processualidade da vida. Em outras palavras, o sofrimento só adquire sentido em função de algo maior, isto é, em razão da própria construção da humanidade. Em muitos casos, o sofrimento advém de anseios pessoais pelo dinheiro, sucesso, etc., noutros, pode ser considerado à luz da fé. Neste caso, ele adquire um sentido maior para a existência, como é o caso do sofrimento configurado em Jesus de Nazaré, que é despojado e fiel ao projeto

de Deus, por isso é libertador e tem um sentido maior: busca uma vida para a própria humanidade.

Os desafios cristãos gravitam em muitas órbitas, dentre elas a do hedonismo, consumismo, injustiça, corrupção política e individualismo. O prazer de tudo poder fazer está impregnado na sociedade atual que, cada vez mais, desconhece o significado do respeito ao próximo e sobrepõe o poder de ter bem ao direito de ser humano. O consumismo envolve ainda o desrespeito à natureza que tende a escassez pela exploração de seus recursos para a satisfação de necessidades humanas mais efêmeras. Sendo a má distribuição de renda a ferida aberta dentro da realidade brasileira, fruto da corrupção e da desigualdade social (IBGE, 2016). Tem-se assim,

A exploração econômica e política que nega a dignidade e os direitos humanos, a alienação cultural mantenedora do racismo e do sexismo, a alienação de nosso corpo e da natureza são gemidos dos que passam fome, dos presos atormentados, da natureza depredada, na qual o próprio Espírito de Deus geme e suspira libertação (GOMES, 2007, p. 126).

Colocar-se no caminho do discipulado é tarefa que exige deslocamento de si frente aos problemas contemporâneos, como os mencionados anteriormente, a fim de elevar a dignidade humana. Os itinerários para essa meta não estão definidos, mas depende em primeiro lugar, para o cristão, da dimensão da sua fé, posto que, vida e fé são inseparáveis e da sua atuação sobre a sua própria realidade, posto que, a fé sem ação é vazia de sentido. A corrupção, por exemplo, tem sido um dos grandes motores da promoção da injustiça e desigualdade no Brasil e, para vencê-la, é fundamental começar pelas pequenas coisas na própria vida. A fé tem duas faces que podem ser antagônicas, quando utilizada para enfrentar os desafios da realidade histórica e social; ou que pode tornar os sujeitos passivos diante dos acontecimentos, os quais creditam a solução dos problemas a intervenções divinas ou magias, conformando a condição humana a todo tipo de passividade.

Alguns afirmam sorratamente que fé e política não se misturam, mas não se trata de uma simbiose e sim de compreender que o sujeito de fé é também um sujeito político, pois a fé nunca deve nos deixar alheios ao nosso contexto social. O Evangelho de Marcos toma cuidado para não agredir diretamente o Império Romano, pois o autor sabe que, numa época de extrema opressão praticada pelas castas dominantes contra o povo pobre, não se pode colocar ainda mais em risco a vida dos cristãos e dos futuros seguidores de Jesus. Porém, tenta mostrar que os valores da justiça e da promoção da vida são universais, devendo o cristão de qualquer época ser capaz de sacrificar-se em prol desses ideais. E isso porque, a vida cristã, como mostra Marcos através da vida e sofrimento de Jesus, é composta de momentos que exigem despojamento e coragem para enfrentar as demandas sociais e políticas de cada momento.

Diante da diversidade, surge o desafio da comunhão com o próximo, tal como a feita pelo messias de Nazaré, que buscou formar comunidade com seus discípulos, ao objetivar o duplo chamado: "*Vem e Segue-me*" (Mc 1, 17). Nes-

se caso, primeiro o homem é chamado a estar com Ele e *formar Comunidade*, depois, afirma Deus, ao dizer: "*Farei de vocês pescadores de homens*" (Lc 5, 10), com isso, o seguidor de Jesus é chamado a uma experiência comunitária, depois, é convocado a desenvolver um projeto de comunidade em torno do Reino. Por fim, seguir Jesus implica em responsabilidade pelos que atravessam o caminho, tal como ele ensinou ao curar feridas e lutar pelo outro, a despeito de sua condição de existência material e espiritual.

As crucificações estão presentes em qualquer vida autêntica, mas essas não se constituem como meras perseguições ou assédios morais, elas são iminentes à vida, que é repleta de percalços pessoais, interpessoais, familiares, comunitários, políticos, trabalhistas, etc., por isso, a ressurreição do Messias pode ter outra hermenêutica, a da esperança. Ademais, o Deus que ergueu o seu servo, também pode levantar os que se comprometem verdadeiramente com a humanidade, nesse caso, a ressurreição é a resposta ao justo, ao que sofre. A superação do mal pelos homens é adquirida pela luz da fé cristã, porque é Deus quem realiza a exaltação de seus humilhados, ele é a fonte de esperança para os que sofrem em tempos desafiadores.

5. Considerações Finais

O messias tal como é apresentado no texto de Marcos, quebra os estereótipos de um messias restaurador do reino humano, pois esse escrito mostra que a experiência dos primeiros seguidores de Jesus, é a experiência com um ser profundamente humano, sujeito às alegrias, tristezas e dificuldades que a vida impõe, sobretudo no contexto da região da Galileia, território dominado pelo poder romano.

A leitura exegética da morte de Jesus na cruz traz sérias reflexões sobre a figura de Jesus e faz questionar as razões pelas quais o movimento dos seguidores de Jesus não terminou na cruz, mas pelo contrário, a morte de Jesus deu força ao movimento, considerando, pela fé, que algum fenômeno teria acontecido pós morte de Jesus, fenômeno esse que os limites desse texto e a falta de outros elementos nos impede de fazer maiores explicações. O texto de Marcos possui uma linguagem simbólico que nos permitiu compreender que tanto Jesus quanto o escritor do Evangelho não possuíam uma visão ingênua da realidade, pelo contrário, mostramos que o discurso e a prática do Messias mostrada no Evangelho ajudam a entender que a própria religião precisa, às vezes, passar por transformações e mudanças radicais.

O sofrimento de Jesus é consequência de sua crença, que por sinal não é cega, tem consciência do que faz e prega. O seu modo de ser no mundo afeta poderosos tanto no campo religioso quanto político. Visto como subversivo religioso e político, não se deixou levar pelas conveniências, sua existência autêntica.

O sofrimento cristão é a consequências de escolhas levadas a sério. E, ao contrário do que muitas vezes se vê na realidade, a fé justifica de forma simpló-

ria o sofrimento humano, que joga para o futuro as questões que precisam ser enfrentadas. Refletir sobre o tema do sofrimento e sobre a pessoa de Jesus significa, portanto, entender o sofrimento cristão como algo que pode ser fruto de escolhas radicais na luta contra tudo que oprime o ser humano, mesmo dentro da própria religião. Diante do exposto, permanece a ideia de que a vida é uma articulação entre todas as esferas que transitamos, porque somos humanos o tempo todo e a cada uma de nossas escolhas têm consequências que não conhecemos, sendo que para o cristão que busca o seguimento de Jesus nos dias atuais, impera o desafio de conjugar sua crença com a realidade desafiadora dos contextos de injustiça e opressão.

Contudo, a vida de Jesus, narrada nos evangelhos, pode servir de inspiração para àqueles que não creem ou professam outra maneira de transcendência, levando em consideração que sua pessoa chama a atenção pela intensidade com a qual se deve viver a vida. O Evangelho narra a vida de um jovem que fez suas escolhas pautadas no que acreditava, dedicando-se ao próximo, alguém inserido na realidade, pessoa comum, mas revolucionário nas atitudes e no amor ao próximo.

O jovem Jesus, da periferia do Império Romano, continua conquistando o centro do coração de muitas pessoas, figura histórica respeitada, símbolo máximo do cristianismo, sob o qual foram tecidas ideias e justificadas práticas que nunca foram condizentes com a verdadeira proposta transmitida no Evangelho. Por isso, diante da universalidade da pessoa de Jesus, cabe sempre uma palavra sobre ele e de temas ligados à sua pessoa no que se refere ao sofrimento humano, sobretudo, nos tempos atuais que nos convida a ter resiliência diante dos vários contextos de sofrimento, em âmbitos pessoais e ou coletivos.

6. Referências Bibliográficas

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*: contendo o antigo e novo testamento. Tradução da editora Paulus. São Paulo: Paulus, 2004.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*: contendo o antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.

BÍBLIA. Português. *Bíblia tradução ecumênica*: contendo o antigo e novo testamento. Tradução de L.J. Baraúna et al. São Paulo: Loyola, 1994.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: ibge.gov.br. Acesso em 08 de dezembro de 2016.

COMBLIN, José. A Cristologia do Evangelho Segundo Marcos. In: *Revista Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 64, p. 36-42, 1999.

DUQUOC, Christian. *A loucura da cruz e o humano*. Petrópolis: Concilium, 1982, n. 05, pp. 99-110.

DUQUOC, Christian. *Cruz de Cristo e sofrimento humano*. Petrópolis: Concilium, Petrópolis, p. 77-85, 1976.

ERNEST, Josef. *Il Vangelo secondo Marco*. Morcelliana: Brescia, 1991.

FAUSTI, Silvano. *Ricorda e reconta il Vangelo*. 3 ed. Milano: Ancora, 1998.

GOMES, Paulo Roberto. *O Deus im-potente: o sofrimento e o mal em confronto com a cruz*. São Paulo: Loyola, 2007.

GOMES, Rita Maria. *Jesus, o Messias inaudito: hermenêutica do messianismo*. Belo Horizonte: FAJE, 2011. (Dissertação)

GUARDINI, Romano. *O Senhor: meditações sobre a pessoa e a vida de Jesus Cristo*. Lisboa: Livraria Agir, 1964. p. 34-35.

HOORNAERT, Eduardo. O Messianismo do Evangelho Q. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 52, p. 78-87, 1997.

KONINGS, Johan. *Evangelho segundo Marcos: tradução literal*. Belo Horizonte, 2011. (FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA – Manuscrito para uso dos alunos da Disciplina Evangelho de Marcos 2º Semestre 2011)

MOLTMANN, Jürgen. *O Deus crucificado*. São Paulo: Academia Cristã, 2011.

RENAUD, Bernard. Messianismo/Messias. In: LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola/Paulinas, 2004. pp. 1124-1128.